

## **“Eu Tinha Tanto Pra Dizer, Metade Eu Tive Que Esquecer”:** rock e censura na década de 1980.

Luís Fellipe F. Afonso<sup>1</sup>

**Resumo:** Mesmo enfraquecida, durante a década de 1980, a ditadura civil-militar continuou atuando através de órgãos institucionais para limitar as ideias contrárias a suas políticas. A Censura foi um dos principais meios pelo qual o regime agia dentro da cultura para cercear a circulação de pensamentos críticos. O BRock, foi um dos gêneros musicais mais censurados, devido as suas formas de pensar a política e o comportamento que, em muitos casos, se diferenciavam do que pregava o governo. Neste artigo, iremos debater como a Censura trabalhava para enquadrar os roqueiros dentro de sua visão de sociedade, ao mesmo tempo em que mostraremos as formas como tal grupo a combateu, seja de maneira direta ou indireta. Discutiremos também como o rock foi utilizado como meio desses jovens fazerem política, apresentando novas questões para um novo momento político que estava nascendo.

**Palavras-chave:** Juventude, Ditadura militar, Rock, Música, Censura.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pelo PPGHC-UFRJ e professor da Seeduc- RJ. Email lfafogo@yahoo.com.br.

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

## “Eu Tinha Tanto Pra Dizer, Metade Eu Tive Que Esquecer”: rock and censorship in the 1980s.

**Abstract:** Even weakened, during the 1980s, the civil-military dictatorship continued to act through institutional bodies to limit ideas contrary to its policies. Censorship was one of the main means by which the regime acted within the culture to restrict the circulation of critical thoughts. BRock was one of the most censored musical genres due to its ways of thinking about politics and behavior that, in many cases, differed from what the government preached. In this article, we will discuss how censorship worked to frame rockers within their vision of society, at the same time that we will show the ways in which this group fought it, whether directly or indirectly. We will also discuss how rock was used as a means for these young people to do politics, presenting new questions for a new political moment that was being born.

**Keywords:** Youth, Military dictatorship, Rock, Music, Censorship.

No Brasil, até 1988, os órgãos de censura atuaram nos meios de comunicação e na produção artística com o objetivo de estabelecer uma ordem e um comportamento social condizentes com os ideais do governo brasileiro. Durante a Ditadura civil-militar (1964-1989<sup>1</sup>), a música brasileira conviveu com uma ação rígida dos censores que procuraram impedir que ideias críticas ao regime ou que representassem formas de comportamento que não eram harmônicas com a moral conservadora pregada pela administração pública circulassem através das canções.

O BRock, o rock brasileiro feito nos anos 1980, foi um dos principais alvos da censura. O estilo musical movimentava corpos e mentes de parte da juventude brasileira do período, sendo usado como instrumento desses jovens apresentarem seu descontentamento com a sociedade ao mesmo tempo em que foi utilizado como forma de ação política para que esses grupos atuassem em certos espaços, públicos e privados, até então restritos.

Como veremos abaixo, tal embate não se limitou apenas aos órgãos de Estado ou discos, incluindo meios de comunicação como rádio, jornais e a TV que forneceram espaço para os artistas denunciarem os ataques às suas obras. O BRock manipulou diversas gramáticas musicais<sup>11</sup> para divulgar os formas de interferência do Estado em suas canções, apresentando uma forma de enfrentamento mais direta que a Censura até então não havia encontrado.

Nesse texto, iremos examinar como o rock foi importante politicamente para essa juventude e as ações da Censura para limitar essa importância. Também passaremos pelas diversas formas de enfrentamento dos roqueiros contra esses atos, tanto diretamente quanto indiretamente. Assim, poderemos

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

compreender como a “geração Coca-Cola” pôde responder à Ditadura fazendo “comédia no cinema [e na música] com as suas leis”.

### **Redemocratização e juventude na década de 1980.**

Primeiramente, devemos entender as mudanças que estavam acontecendo na década de 1980 no Brasil. Nessa época o país, que recebeu de volta os exilados políticos, graças a Anistia de 1979, retomava a lentos passos o espaço de participação da sociedade na política. Tal retomada muitas vezes entrou em choque com o planejamento dos militares, criando uma disputa na qual houve avanços políticos e retrocessos, como os casos da “Diretas Já” e as eleições de 1982. Essas disputas mostravam como o regime militar vinha perdendo força, o que ocasionou na eleição indireta, em 1985, do primeiro presidente civil em 20 anos, Tancredo Neves.

A partir desses fatos, esperava-se dessa juventude uma ação política parecida com a dos jovens de 1960, no entanto, as juventudes de 1980 – afinal elas não eram um grupo coeso – não possuíam essa vontade. Tal fator levou setores da sociedade a considerarem a geração de 1980 como “alienada” e sem participação política.

Devemos ter em mente que uma parte considerável desses jovens nasceu pós-golpe de 1964, não passando por uma experiência democrática. Parte da “Geração 80” estava mais preocupada com a seleção de 1982 do que com o Pacote de Abril. Renegavam as referências das gerações anteriores que para eles eram velhas e defasadas. Essas juventudes não viam a Redemocratização como

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

solução política e social, por isso se afastaram da ideia de que seriam elas as portadoras da esperança e das utopias.

Ao buscarem respostas para seus questionamentos, a geração de 1980 produziu novos tipos de culturas muito fortes no período, que foram suas principais maneiras de expressão. Através delas, os jovens apresentaram novos comportamentos e temas para o debate público. Nas palavras de Marcelo Rubens Paiva, “Temos coisas a dizer e, na verdade, vocês nos negam porque criticamos o cinema, a literatura, o teatro que fazem. Somos diferentes e temos outra coisa a oferecer”<sup>III</sup>.

Não visando agir da forma como queriam que eles intervissem na sociedade, estes jovens procuraram operar politicamente de outras maneiras. O lazer foi umas das principais formas dessas juventudes agirem. Através de elementos ligados à diversão como shows, festas, skate, fanzines e grafite, os jovens ganharam espaço e passaram a exprimir suas ideias, ao mesmo tempo em que eles usavam tais formas culturais como meio de interferência nos locais em que frequentavam.

Nesse cenário, o rock teve uma importante função ao mediar à união e os conflitos dessas mensagens. Seja pelas relações trazidas pela música ou pela atitude roqueira de romper barreiras, o rock agiu como uma “cola social”<sup>IV</sup> entre as diversas culturas realizadas por e pensadas para os jovens, em várias mídias: cinema, artes plásticas, grafite, música, jornais, livros, artes visuais etc. Podemos afirmar que isso ajudou a formar uma comunidade jovem no Brasil da década de 1980.

Ao estar presente em diversas culturas produzidas pelas juventudes, o rock uniu as diversas identidades jovens em uma única identidade comunitária,

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

dando voz para que suas demandas negociadas sejam ouvidas e para que tais grupos conseguissem abrir brechas nos espaços sociais, até então fechados. O BRock se mostrou o fio condutor que uniu as questões de parte das juventudes brasileiras e a forma como seus questionamentos foram expostos na sociedade.

**O BRock.**

O BRock é o nome que damos a geração de roqueiros brasileiros da década de 1980. Durou de 1982, com o lançamento do compacto com a música "Você não soube me amar"<sup>v</sup> da banda Blitz e indo até 1989, quando os roqueiros buscaram outras experiências musicais. Foi o momento onde o rock brasileiro alcançou o maior reconhecimento midiático somado ao de qualidade dentro do campo musical brasileiro, o que faz essa geração ser a mais lembrada quando pensamos em rock feito no Brasil<sup>vi</sup>.

A escolha do rock pelas juventudes na década de 1980 não se deu ao acaso. Elas não encontravam em outros gêneros musicais uma forma de expressar seus anseios e as suas questões cotidianas. Essa geração também teve uma forte influencia de músicas estrangeiras, principalmente do Punk e da New Wave, que traziam a estética e a atitude onde esses jovens se sentiram reconhecidos.

Através dessas músicas, as juventudes conseguiram se identificar, criar laços sociais, expressar seus medos e se mobilizar de uma maneira que pudessem interferir na sociedade. O anseio de se expressar somados a descontentamento com o estado geral das coisas – sociedade, economia, futuro, política, relacionamento etc. – geraram elos entre as várias juventudes que

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

optaram pelo BRock como forma de atuar socialmente, estruturando os meios de se divertir, agir e de encaminhar suas visões de mundo.

O BRock foi a voz pelo qual essa geração roqueira se afirmava e foi uma das maneiras encontradas de espalhar sua mensagem. Em entrevista a Abramo, um músico da banda Restos de Nada afirmou que “A gente começou a montar bandas, por que a gente queria falar dos problemas daqui”<sup>vii</sup>. Esses grupos se uniam em shows e festivais onde apresentavam canções que refletiam os valores e preocupações dos músicos. Também desenvolveram uma zona de solidariedade e atividades próprias em conjunto com os fãs na qual produziam uma série de referências e proteções.

A atitude roqueira é um fator essencial para entendermos o fascínio desses jovens por esse gênero. É através dela que o rock se mostrava mais que um gênero musical, ao produzir uma ação de ruptura com as instituições e do jovem se impor nos espaços onde atuava, utilizando-a para conseguir seu lugar na sociedade. Das danças às roupas, passando pela própria música, a atitude roqueira se apresentou como uma das principais expressões dessas juventudes, como nos demonstra Cazuzza:

O rock é a ideia da eterna juventude. Quando descobri o rock, descobri também que podia desbundar. O rock foi a maneira de me impor às pessoas sem ser o 'gauche' - por que de repente virou moda ser louco. Eu estudava num colégio de padres onde, de repente, eu era a escória. Então quando descobri o rock, descobri minha tribo: ali eu ia ser aceito! E rock para mim não é só música, é atitude mesmo, é o novo!...É a vingança dos escravos. É porque não é pra ser ouvido, é para ser dançado, é uma coisa tribal<sup>viii</sup>.

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

Assim, o BRock foi a forma de ação política escolhida por esses jovens para participar do debate social no período de Redemocratização. Devido a sua ação mediadora, esse estilo foi usado como meio para essa comunidade entrar em espaços até então restritos, graças a sua capacidade de mobilizar não apenas os músicos e seus fãs diretos, mas uma série de outros indivíduos que adotam suas características. Ao mesmo tempo, suas canções apresentavam mensagens que eram compartilhadas por uma parcela da população brasileira, questionando aspectos da sua sociedade. Foram essas maneiras de agir politicamente que levaram ao governo olhar o BRock como uma ameaça e agir contra ele.

### **A Censura na década de 1980 e sua relação com o BRock.**

Não devemos entender a Censura através da visão estereotipada do censor que não entendia de arte e que era enganado muitas vezes pelos compositores para passar uma mensagem considerada subversiva ou de um órgão centralizado e rígido. A estrutura da Censura no período ditatorial é complexa e atuava através de diferentes instâncias. Uma música, um disco ou um show poderiam ser impedidos de circular de vez ou momentaneamente dependendo de qual instância ou tipo de censura que sofrera.

Apesar da abertura política e da entrada de um civil na presidência, a Censura continuava atuante na sociedade, mostrando que havia ainda resquícios da ditadura na transição para a democracia. Devido a isso, é necessário destacar que durante o levantamento de dados, por diversas vezes me deparei com negociações para a liberação de músicas ou de vetos integrais e parciais, além da interferência na produção de alguns discos, após a saída dos

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

militares da presidência, o que nos demonstra como esse autoritarismo ainda se manteve.

Grandes gravadoras possuíam agentes para lidar com os censores e liberar as músicas. Poderia ser através de uma negociação direta com o servidor que vetou a composição, através de uma explicação deste agente ou do compositor e até advogados que apelavam para instâncias superiores da Censura, conseguindo assim um parecer positivo para a execução, mesmo que parcial. Isso aponta que a censura não era definitiva havendo a liberação de músicas e discos censurados e que negociações eram comuns.

Entre as canções de BRock analisadas, foi notada a ação da Censura mais forte em letras que subvertiam a moral do que as que se optavam por uma temática política, principalmente dos artistas ligados a *New Wave*. Ao tocar nas questões sexuais e comportamentais, além de usar a linguagem informal, indo contra a moral conservadora, esses músicos acabaram atraindo uma maior atenção dos censores.

No entanto, não podemos afirmar de fato que a censura focava mais na moral do que na política. Para isso, seria necessário um levantamento de todas as canções censuradas no período, o que demandaria outra pesquisa. Mesmo assim, seja nas fontes memorialistas (biografias, entrevistas e autobiografias), nos periódicos (jornais e revistas) e nas pesquisas acadêmicas analisadas, a censura moral se mostra mais presente. Podemos partir de três reflexões para esse fato. A primeira é que esse tipo foi de fato o mais comum. A segunda é que mais artistas desse estilo estavam nas grandes gravadoras, que tinham mais condições de levar para outras instâncias da instituição tendo sucesso na

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

liberação. A terceira é que por estarem mais próximos dos jornalistas de grandes meios de comunicação acabavam expondo mais a ação da censura.

Em relação ao BRock, também é notável uma interferência maior na primeira metade da década de 1980<sup>ix</sup>. Devemos nos lembrar que esse período é o final do governo militar e que nessa época ainda havia um estranhamento com a linguagem roqueira e com as questões das juventudes. Por isso, não podemos deixar de associar as ações do Estado com o controle de quais temas deveriam constar em nossa música. Na segunda metade, quando houve a entrada de um civil no governo, o reconhecimento do Brock como gênero musical influente e a ampla divulgação de outros gêneros que traziam comportamentos que não condiziam com as normas conservadoras – como o Fricote – fizeram com que a Censura não focasse tanto nos roqueiros. Ainda houve canções de rock censuradas, porém, menos do que no início da década.

### **As formas de censura contra os roqueiros.**

A ação da Censura não se dava apenas através do veto integral de uma canção. Apesar dessa ser a mais reconhecida quando pensamos em como esse órgão agia, isso não era o que mais ocorria de fato. Outras formas eram mais usadas como a censura parcial da letra, a venda lacrada e proibida para menores de 18 anos de um disco e a proibição de difusão no rádio e na TV de uma música.

Em certos casos, discos tiveram que ser alterados para poderem ser produzidos ou tiveram que passar por várias instâncias atrasando seu lançamento, prejudicando tanto a gravadora quanto os artistas envolvidos. O

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

primeiro disco da banda Magazine, lançado em 1983, passou por uma série de modificações, afinal, várias de suas letras possuíam duplo sentido com referências sexuais e ao uso de drogas. Com isso, certas músicas foram descaracterizadas e perderam o sentido, fazendo com que a banda desistisse de gravar algumas delas. Sem um número de músicas próprias mínimas para lançar o LP, o grupo teve que regravar canções da Jovem Guarda e uma música sertaneja<sup>x</sup> para completar o disco.

Já Eduardo Dussek teve seu disco “Cantando no Banheiro” (1983) paralisado por diversos meses graças à Censura. Pensado como um projeto de reinvenção de sua imagem e para lançar a banda João Penca e seus Miquinhos Amestrados, o disco teve oito de suas dez faixas censuradas, tendo que ser aprovadas em instâncias superiores, transformando-o em um projeto árduo e demorado. No final, por pressão da gravadora, o disco acabou alterado, deixando apenas o nome de Dussek em destaque e transformando a banda novata em apoio, apesar de seus integrantes serem os compositores das músicas mais famosas do LP.

Outros artistas tiveram músicas de trabalhos interrompidas mesmo após o seu lançamento. “Advinha o que”<sup>xi</sup>, canção de Lulu Santos, já estava em execução nas rádios quando a Censura de Brasília impediu a execução pública da música. Devido a sua alusão sexual, a canção que seria a principal divulgação do álbum “O Ritmo do Momento” (1983) fez com que o cantor tivesse que repensar e paralisar sua turnê, até decidir por outra música para ser trabalhada. Na época, ele afirmou sentir que “o Governo brasileiro estava tentando me desempregar”<sup>xii</sup>.

Devido à forma como os atos da Censura afetavam os shows, a produção de álbuns e até mesmo o próprio texto, podemos afirmar que o Estado influencia

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

diretamente na produção musical, sendo tanto criador como compositor de algumas canções<sup>xiii</sup>. Suas políticas refletem de maneira direta ou indireta nas músicas produzidas sendo, por isso, um elemento importante para entendermos os diferentes sons, funções e significados que a música apresenta ao redor do tempo e do mundo. Já que é uma importante força social, tentar domar a música é uma estratégia dos governantes para fortalecer seu poder.

Contudo, essas interferências do governo não foram aceitas de maneira pacífica pelos roqueiros. A função criadora do Estado nas canções também ocorre através de denúncias e respostas dos músicos a essas formas de controle pelo governo. Esses jovens enfrentaram essas práticas do Estado e utilizaram a música para reforçar seu novo pensamento político e comportamental.

### **A resposta dos roqueiros**

O BRock lidou com essa interferência de duas maneiras. A primeira, como vimos acima, foi aceitar as intervenções do Estado, alterando as letras das músicas, retirando as partes que faziam alusão a quebra moral ou crítica política. A outra maneira encontrada foi burlar e denunciar a Censura. Isso poderia acontecer de diversas formas, desde apresentar as canções proibidas em rádios menores – em que não havia tanta atenção do Estado – ou em seus shows e até mesmo ações que apontavam a interferência do governo em seus discos.

Um dos casos que chamaram a atenção foi o da banda Blitz, que teve duas músicas censuradas em seu primeiro álbum, lançado em 1982, (“Ela quer morar comigo na lua”<sup>xiv</sup> e “Cruel, cruel, esquizofrenético blues”<sup>xv</sup>) devido às insinuações ao consumo de drogas, sexuais e a utilização de palavras de baixo

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

calão. Além da proibição das duas faixas, o disco ainda teve sua venda proibida para menores de 18 anos. A banda optou por arranhar as duas faixas, mostrando que houve ali uma intervenção em seu trabalho. “Foi um posicionamento frente à Censura, de passar para o público a agressão que estávamos sofrendo. Como se disséssemos: ‘Olha, temos outra vertente do nosso trabalho, mas ela não pode ser mostrada porque a gente vive sob censura.”<sup>xvi</sup>

Muitas vezes as interferências tinham um efeito contrário, atraindo mais ouvintes curiosos pelo motivo da proibição. Para Quadrat, “não era raro que os discos censurados fossem os mais vendidos e as canções censuradas as escutadas em maior volume”<sup>xvii</sup>, aguçando a curiosidade dos jovens ouvintes e estimulando os compositores a produzirem críticas a essa instituição. Escrever, ouvir e reproduzir as músicas proibidas também se tornaram formas do jovem ir contra o Estado e marcar seu espaço no Brasil.

Para Street, a música é o local no qual o ser humano declama sua liberdade<sup>xviii</sup>. Lutar e ridicularizar a censura também foram modos encontrados pelos jovens músicos para se colocarem dentro da sociedade através dos ideais surgidos com a abertura política. Alguns roqueiros compuseram canções criticando ou zombando da censura. O título do primeiro disco solo de Leo Jaime *Phodas C*, de 1983, foi uma resposta aos abusos dos censores. Em suas palavras, “no fundo a censura foi muito influente também, porque todas as músicas [do LP] eram proibidas. Foi uma novela para liberar. Acabou influenciando até no nome, porque: ‘Vamos mandar para a censura e ver o que acontece. Foda-se’”<sup>xix</sup>.

O cantor foi um dos principais alvos dos censores na década de 1980. Suas composições tanto com o seu grupo João Penca quanto para outros cantores, como Eduardo Dussek e Ney Matogrosso, paravam na Censura e eram vetadas

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

totalmente ou foram proibidas de serem expostas no rádio e na TV. Seus discos solos demoravam meses para ter o parecer positivo. Leo ficou marcado pelo seu estilo crítico através de palavras com duplo sentido e por usar uma linguagem cheia de gírias.

Através de uma conversa com Arlindo Coutinho – advogado da gravadora CBS e responsável pela liberação das músicas dos artistas dessa empresa na censura – em que Solange Hernandez – que comandou entre 1981 a 1984 a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) – admitiu que o cantor era censurado por seu histórico. Segundo a lembrança de Jaime, ela afirmou ao advogado que “isso é para o Leo Jaime saber que ele é foco de subversão. Não é a obra que está sendo proibida, é ele que está sendo proibido. Ou ele muda a temática das letras ou será sempre proibido”<sup>xx</sup>.

O roqueiro teve seu nome destacado dentro da Divisão e, com isso, diversos problemas. Suas letras recebiam o carimbo de “conteúdo ideológico não compatível com a boa educação do povo brasileiro”<sup>xxi</sup>. O cantor tentou a estratégia usada por Chico Buarque quando este virou alvo constante da Censura, porém, diferente do cantor mais velho, não obteve sucesso.

Chegou um momento patético em que eu comecei a mandar letras com o nome de Maria da Conceição. Como resposta, um dia, recebi um bilhete escrito à mão, a lápis em cima da letra, dizendo assim: ‘Leo, eu conheço o seu estilo. Assinado: Solange’. Tentei outros nomes em alguns momentos, mas não colou. Cada hora eu botava um nome diferente.<sup>xxii</sup>

A resposta a essas intervenções de “Dona Solange”, como era conhecida a censora, veio através de uma canção. Junto de Leoni, também um roqueiro dessa

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

geração e seu colega de apartamento na época, Jaime criou uma música que apresentava de forma cômica as intensas ações da censura em suas obras.

Eu tinha tanto pra dizer  
Metade eu tive que esquecer  
E quando eu tento escrever  
Seu nome vem me interromper  
Eu tento me esparramar  
E você quer me esconder  
Eu já não posso nem cantar  
Meus dentes rangem por você

Solange, Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange...  
É o fim, Solange

Eu penso que vai tudo bem  
E você vem me reprovar  
E eu já não posso nem pensar  
Que um dia ainda eu vou me vingar  
Você é bem capaz de achar  
Que o que eu mais gosto de fazer  
Talvez só dê pra liberar  
Com cortes pra depois do altar

Solange, Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange  
É o fim, Solange

Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange  
Solange... ah, Solange  
Pára de me censolange

I feel so low  
I feel Solange  
I feel so lonely

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

So, so, so, lan, lan, lan  
So, so, so, Solange, Yeah!  
Solange, Solange, Solange  
Solange, Solange, Solange  
É o fim Solange  
Solange, Solange, Solange

A paródia “Solange”<sup>xxiii</sup>, escrita em cima da canção “So lonely”<sup>xxiv</sup> de Sting, faz uma referência direta a diretora responsável por diversas censuras às músicas do BRock. Foi lançada em 1985 e executada no disco em conjunto com a banda Os Paralamas do Sucessos, que eram acusados de copiar o The Police, antiga banda do cantor inglês. A música se transformou na principal referência de memória sobre a atuação do BRock contra a censura, utilizando tanto um discurso direto – afinal, usa o nome da censora e faz referências aos cortes – quanto a linguagem cômica para ridicularizar tal instituição e sua representante – “censolange”.

Além do uso de letras metafóricas, também encontramos músicas onde a denúncia das ações da Censura foram expostas diretamente. Destacaremos a canção “Censura”<sup>xxv</sup>, da banda Plebe Rude, que com o seu som punk priorizava temas políticos e sociais em suas apresentações. Após uma batalha da gravadora com a Censura para a liberação a tempo de incluí-la no segundo álbum do grupo, de 1987, – impedimento alegado pela inclusão da palavra “pô” que poderia simbolizar um palavrão<sup>xxvi</sup>, a música foi gravada e se tornou um sucesso.

Unidade repressora oficial  
Unidade repressora oficial

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

A censura, a censura  
Única entidade que ninguém censura  
A censura, a censura  
Única entidade que ninguém censura

Hora pra dormir  
Hora pra pensar  
Pô meu papai  
Deixe-me falar

Hora pra dormir  
Hora pra pensar  
Pô meu papai  
Deixe-me falar

Unidade repressora oficial  
Unidade repressora oficial

A censura, a censura  
Única entidade que ninguém censura  
A censura, a censura  
Única entidade que ninguém censura

Contra a nossa arte está a censura  
Abaixo a postura, viva a ditadura  
Jardel com travesti, censor com bisturi  
Corta toda música que você não vão ouvir

Unidade repressora oficial

A letra da canção aponta para os usos pelo Estado do órgão. A denúncia explícita a forma como a Censura era uma maneira do governo controlar a sociedade, excluindo desta um pensamento contrário ao comportamento imposto pela ditadura. Ao mesmo tempo, ela impedia a circulação de certas informações que poderiam afetar simpatizantes do regime.

Também é importante pensarmos os locais por onde circulavam essas músicas. Foi notável uma apresentação de “Censura” no especial de natal do

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

Cassino do Chacrinha em 1987<sup>xxvii</sup>. A exposição de uma canção explicitamente crítica em um dos programas de maior audiência da TV e em uma data comemorativa, nos mostra como esses roqueiros conseguiram mobilizar os meios de comunicação fazendo circular com mais intensidade seu pensamento político.

Tocar as canções em programas populares, arranhar os discos, reproduzir as partes censuradas nos shows e denunciar nos periódicos as ações da censura foram alguns dos meios desses roqueiros usarem a música e os seus meios de reprodução como forma de enfrentarem a Censura. Além da letra, ao observamos esses elementos percebemos os usos político da música desses jovens para resistir aos abusos do estado.

### **Conclusão**

Mesmo com todas as barreiras, o BRock conseguiu resistir. As ações do Estado serviram para fortalecer o tipo de linguagem adotada e seu poder de catalisar as questões de parte da juventude e expô-las nas músicas, shows e discos. A partir daí, o rock se consolidou e usou a força da comunidade jovem para conseguir seu espaço dentro da nossa sociedade.

Como vimos acima, o BRock foi um importante mediador de ações e ideias para que parte da juventude brasileira da década de 1980 pudesse apresentar sua nova forma de pensar a política. Os métodos usados nessa disputa com a Censura somados a dança, a performance, aos estilos, a atitude e as outras linguagens roqueiras foram importantes para que esses grupo apresentasse temas que consideravam importantes para o debate público.

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

A “geração Coca-cola” faminta e sedenta por “diversão e arte” utilizou do BRock para trazer novas questões políticas que envolveram do comportamento a reflexão sobre os rumos do Brasil. Mesmo com as dificuldades impostas pelo Estado e sua tentativa de moldar esses jovens, a resistência desse grupo se mostrou mais forte subjugando o órgão repressivo e tornando-se uma referência até hoje dentro da música brasileira .

## Notas

<sup>I</sup> Estou levando em consideração que a Ditadura civil-militar só terminou de fato quando o povo brasileiro retomou o voto direto para a presidência. Mesmo não havendo mais militares no poder e com uma nova constituição (1988), ainda havia no governo heranças do regime.

<sup>II</sup> Não devemos pensar que a música se limita a letra ou a questão sonora. A música é um complexo cultural que mobiliza uma série de fatores com simbolismos próprios (gramáticas). Por isso, para entendermos o real significado das canções, devemos observar todas essas linguagens (letra, som, performance, dança, formas de reprodução, estilo visual, capas de discos etc.)

<sup>III</sup> Marcelo Rubens Paiva, escritor, citado por BRYAN, Guilherme. *Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80*. RJ, Record, 2004. Pág.161.

<sup>IV</sup> Para entender melhor como a música age como “cola social” ver MATTERN, Mark. *Acting in Concert: Music, Community and Political Action*. New Jersey, Rutgers University Press. 1998.

<sup>V</sup> “Você não soube me ama”, música de Ricardo Barreto , Luiz Augusto Barros e Evandro Mesquita

<sup>VI</sup> Para um debate mais amplo sobre isso ver as teses de Luís Felipe F. Afonso e Érica R. Magi que constam na bibliografia.

<sup>VII</sup> ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. SP, Scritta, 1994. Pág.95.

<sup>VIII</sup> Cazusa, citado por Araújo, Lucinha. *Cazusa: Só as mães são felizes*. São Paulo, SP, Ed. Globo, 1997. Pág. 361.

<sup>IX</sup> *Jornal do Brasil*, 04 de novembro de 1986.

<sup>X</sup> “O homem da motocicleta”, música de Erasmo Carlos, “Meu bem lollypop” música de Morris Levy e “O advinhão”, música de Baby Santiago e Tony Chaves , e “Fusão preto”, música de Jeca Mineiro e Atílio Versutti. Morris Levy.

<sup>XI</sup> “Advinha o que”, música de Lulu Santos.

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

- <sup>xii</sup> *Jornal do Brasil*, 20 de maio de 1983.
- <sup>xiii</sup> STREET, John. *Music and Politics*. Cambridge, Polity Press, 1º edição, 2012. Pág.24.
- <sup>xiv</sup> "Ela quer morar comigo na lua", música de Evandro Mesquita.
- <sup>xv</sup> "Cruel, cruel, esquizofrenético blues", música de Evandro Mesquita e Ricardo Barreto.
- <sup>xvi</sup> Evandro Mesquita, citado por ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. São Paulo, DBA Dórea Books and Art, 2002. Pág.98.
- <sup>xvii</sup> QUADRAT, Samantha. "El brock y la memoria de los años de plomo en Brasil democrático." IN:JELIN, Elizabeth y LINGONI, Ana(comps.). *Escrituras, imágenes y escenarios ante la represión*. Madrid, SIGLO XXI, 2005. Pág.103.
- <sup>xviii</sup> SREET, John. *Music and Politics*. Cambridge, Polity Press, 1º edição, 2012. Pág.10.
- <sup>xix</sup> Leo Jaime, citado por BRYAN, Guilherme. *Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80*. RJ, Record, 2004. Pág.212
- <sup>xx</sup> Leo Jaime, citado por PIMENTEL, João e MCGILL, Zé. *Mordaça: histórias de música e censura em tempos autoritários*. RJ, Sonora, 1º edição, 2021. Pág. 264.
- <sup>xxi</sup> *Jornal do Brasil*, 27 de julho de 1984.
- <sup>xxii</sup> Leo Jaime, citado por PIMENTEL, João e MCGILL, Zé. *Mordaça: histórias de música e censura em tempos autoritários*. RJ, Sonora, 1º edição, 2021. Pág. 264.
- <sup>xxiii</sup> "Solange", música de Sting, Leo Jaime e Leoni.
- <sup>xxiv</sup> "So lonely", música de Sting.
- <sup>xxv</sup> "Censura" música de André X e Philippe Seabra.
- <sup>xxvi</sup> *Jornal do Brasil*, 10 de julho de 1987.
- <sup>xxvii</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Jw4LB9qSbX4> acessado em 20 de junho de 2023.

## Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. SP, Scritta, 1994.

AFONSO, Luís Felipe Fernandes. "Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones": *Rock e cultura jovem no Brasil por uma perspectiva comparada (1963-1969 X 1982-1987)*. 05/09/2022 306 f. **Doutorado em História Comparada**. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

----- . *O som e a fúria de um novo Brasil: juventude e rock brasileiro na década de 1980*. 16/03/2016 193 f. **Mestrado em História Comparada** Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

“EU TINHA TANTO PRA DIZER, METADE EU TIVE QUE ESQUECER”:  
ROCK E CENSURA NA DÉCADA DE 1980.  
AFONSO, L. F. F.

---

ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de luta**: o rock e o Brasil dos anos 80. São Paulo, DBA Dórea Books and Art, 2002.

ARAÚJO, Lucinha. **Cazuza**: *Só as mães são felizes*. São Paulo, SP, Ed. Globo, 1997.

BRYAN, Guilherme. **Quem tem um sonho não dança**: cultura jovem brasileira nos anos 80. RJ, Record, 2004.

DENORA, Tia. After Adorn: **Rethinking music sociology**. Cambridge University Press, 1ª edição, 2003.

FRITH, Simon. **La Sociología del Rock**. Madrid, ediciones Jucar, 1980.

----- **Performing rite**: on the value if popular music. Cambridge, Massachussets, Harvard University Press, 1998.

MAGI, Érica Ribeiro. Metrôpoles em Cenas: O rock em São Paulo e no Rio de Janeiro nos anos 1980. 08/12/2016 180 f. **Doutorado em sociologia**. Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes/FFLCH.

----- **Rock and Roll é o nosso trabalho**: A Legião Urbana do underground ao mainstream. Ed. Alameda, SP, 2013, 1ª edição.

MARÍN, Martha, MUÑOZ, Germán. **Secretos de mutantes**: Música y creación em las culturas juveniles. Bogotá, D.C., Siglo de Hombre Editores, 2002.

MATTERN, Mark. **Acting in Concert**: Music, Community and Political Action. New Jersey, Rutgers University Press. 1998.

PIMENTEL, João e MCGILL, Zé. **Mordaza**: histórias de música e censura em tempos autoritários. RJ, Sonora, 1ª edição, 2021.

QUADRAT, Samantha. “El brock y la memória de los años de plomo en Brasil democrático.” IN: JELIN, Elizabeth y LINGONI, Ana (comps.). **Escrituras, imágenes y escenarios ante la represión**. Madrid, SIGLO XXI, 2005.

STREET, John. **Music and Politics**. Cambridge, Polity Press, 1ª edição, 2012.